

Vasos Gregos e Relações Internacionais

Gilberto da Silva Francisco (*)

Francisco, G.S. Vasos Gregos e Relações Internacionais. R. Museu Arq. Etn., 25: 191-213, 2015.

Resumo: este artigo discute a circulação dos vasos gregos em dois contextos conectados: o primeiro é a sua distribuição antiga em vários pontos do Mediterrâneo e situada em um cenário tradicional de trocas, muitas vezes chamado de “comércio internacional”; o segundo é a situação que se desenvolve a partir de seus muitos achados e colecionismo relacionado desde o século XVIII, além de sua referência para identidades nacionais, bem como as disputas por sua obtenção no plano das relações internacionais.

Palavras-chave: Cerâmica grega; distribuição; recepção; relações internacionais.

It is no surprise that Greek vases are found everywhere, from Celtic sites in Western Europe, to Mesopotamia, to Persian burials in Turkey (Smith e Plantzos 2012: 540).

Vários tipos de trocas no Mediterrâneo antigo foram caracterizados pela bibliografia como “comércio internacional”. As rotas da obsidiana indicam ter havido certa integração na região mediterrânica, sobretudo por mar, desde o paleolítico, o que é bem exemplificado pelo encontro da obsidiana de Melos em vários pontos da região do Egeu e da Grécia continental (Abulafia 2011: 73; Demand 2011: 1).

As fontes de origem mais importantes dessa matéria prima no Mediterrâneo oriental, e que estruturaram as rotas de obsidiana no paleolítico e principalmente no neolítico, estavam nas

Cíclades (Melos), na Ásia menor (Giali) e na Anatólia (ver Van Andel e Runnels 1987: 74; Demand 2011: 2 e 7). Já na porção ocidental estas fontes encontravam-se nas regiões de Lipari, Pantelleria, Palmarola e Sardenha (na região da Itália) (Demand 2011: 4). Segundo Demand (2011.), a distribuição de obsidiana a partir dessas fontes do Mediterrâneo central remonta ao mesolítico e concentra-se na península itálica, ilhas adjacentes e, em menor quantidade, no norte da África (Demand 2011). Entretanto, há também notícias de achados esparsos da obsidiana de Lipari na Espanha e na França (Lopes 2005: 211 e Robb 2007: 192).¹

* Departamento de História/Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade Federal de São Paulo (DH-EFLCH/UNIFESP); membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP).

¹ A compreensão desse tipo de circulação é baseada na identificação da obsidiana de cada fonte específica através da

análise do isótopo do estrôncio presente nesse tipo de rocha vulcânica (ver Gale 1981: 49), mas há outros métodos como o estabelecimento da datação da obsidiana: por exemplo, a análise da obsidiana de Melos indica que ela está relacionada a eventos vulcânicos datados de 3 a 2,7 milhões de anos, já a de Giali, a eventos de 24 mil anos. Para uma revisão que inclui os vários tipos de análise da obsidiana e implicações arqueológicas ver Pollard e Heron 2008: 83 - 91.

Porém é apenas na articulação dos primeiros estados e na sua comunicação que a ideia de um “comércio internacional” mediterrânico é identificada; ou seja, no que se refere ao mundo antigo, ela é situada pela bibliografia em dinâmicas que se desenvolveram a partir da idade do bronze. Nesse período, em que as trocas mais intensas se davam, aparentemente, na porção oriental do Mediterrâneo, esse comércio internacional é caracterizado como lucrativo e ligado a importantes portos e centros palacianos (Blake e Knapp 2008: 237), e organizado sobre diálogos com as esferas locais e regionais (Kristiansen e Larsson 2005: 139) – nessa perspectiva é “um dos mais proeminentes e vastos sistemas de comércio internacional conhecidos em ambiente pré-histórico” (Blake e Knapp 2008: 416, *trad. nossa*).

Quanto à idade do ferro, H. G. Niemeyer comenta que, no seio de um comércio “internacional” (grifo do próprio autor), os gregos teriam aprendido o alfabeto na região de Al Mina (Niemeyer 2004: 38), sítio que é apresentado como uma rota internacional para a Fenícia, Galiléia, Gileade e Basã (Luke 2003: 39). E, ainda sobre a circulação na porção oriental do Mediterrâneo, a presença de egípcios e gregos em Ashkelon entre os séculos VII e VI a.C., é pensada na sua integração a um “comércio internacional sob a dinastia saíta” (Waldbaum 2002: 63, *trad. nossa*); tendo sido estruturado, assim, um sistema de trocas que foi criado no período arcaico e projetado para o período clássico e posteriormente. Por exemplo, no período helenístico, é identificada uma intensificação de viagens, “assim como do comércio internacional (particularmente o oriental, para a Ásia central)” (Sacks 2009: 353, *trad. nossa*) no plano geral, e a situação específica de alguns reinos nesse contexto, como os sistemas econômicos na época dos Antigonidas (séc. IV-II a.C.), caracterizados em duas esferas: um comércio internacional e um comércio nacional de larga escala (Panagopoulou 2006: 256); situação na qual também são posicionadas as trocas mediterrânicas sob o império romano (Besuijen 2008: 33 e 35), mesmo no período bizantino (Safrai 2003: 178).

Ainda, o *emporium*, uma estratégia de articulação econômica no Mediterrâneo antigo, é costumeiramente caracterizado no âmbito do co-

mércio internacional. Um importante *emporium* de comunicação ocidental entre a parte norte e sul da Itália (da região da Etrúria até a da Sicília e Magna Grécia desde o século VIII a.C.), a ilha de Pithecussa, é caracterizado como “*emporium* internacional” (Colstream 2003: 241; Siberman e Bauer 2012: 508); assim como vários outros *emporium* do mundo antigo: Quíos, *emporium* que supria os mercados da Ásia Menor (Sacks 2009: 85), o istmo de Corinto, no Peloponeso (Mackendrick e Howe 1959: 237), Mitilene, em Lesbos (Duffy 2009: 5), Chipre (Powell 2012: 145), Barygaza, na Índia (Freeman 2003: 75), Tiro e Al Mina, na Fenícia (Petereson 2012: 287; Luke 2003: 1), Cesaréia, em Israel (Rosseau e Arav 1995: 31), e muitos outros.

É importante dizer que, paralelamente à ideia de um comércio internacional articulado desde a idade do bronze, desenvolve-se em meio acadêmico um uso semelhante da noção de “internacional” (grifo nosso) aplicada ao campo das relações políticas.

Stephanie Lynn Budin, comentando a transição da hegemonia minóica para a micênica entre o heládico médio e o heládico recente, fala que essa foi a “primeira grande era de contatos internacionais e conquistas” (Budin 2009: 52, *trad. nossa*), chegando também a caracterizar as trocas e o comércio da idade do bronze como internacionais (Budin 2009: 92-3; 96-7). No campo da política e da cultura, a mesma autora comenta, para o período helenístico, sobre uma política internacional e sobre uma arbitragem supranacional em conflitos entre cidades; e, no campo do culto, ela fala em santuários gregos de caráter internacional, chegando a estabelecer certo paralelo entre o conceito de pan-helênico e internacional (Budin 2009: 218; 262; 293).

Para Alan Samuel (1992), a política entre *poleis* é caracterizada no plano da “política internacional” (*international policy*). Este autor, por exemplo, ao comentar a atuação de Pisistrato e dos Pisistratidas em Atena, atribui a eles uma “posição internacional” (*international position*), e avança a ideia de que e sua articulação com as tiranias de Naxos e de Samos teria sido desenhada em um “cenário internacional” (*international scene*) (Samuel 1992: 20; 22). A expansão dos falantes do dórico no século VII a.C. também é caracte-

rizada como uma “atividade internacional” pelo mesmo autor (*international activity*), que também situa as relações entre gregos e locais do Egito, em Naucratis, como “comércio internacional” (*international commerce*) (Samuel 1992: 41; 54).

Fala-se, também, de uma “cultura internacional”, como Thomas F. Scanlon, ao comentar o santuário de Olímpia, no seu processo de “transformação de um centro de cultura helênica para um de cultura ‘ecumênica’ ou internacional” (Scanlon 2002: 41, *trad. nossa*); ou Peter Green, comentando artistas do período helenístico que “floresceram em uma cultura internacional que era algo diferente da tradicional grega” (Green 1993: 102).

Nesse intenso contexto de trocas chamadas de internacionais, um produto é bastante referenciado na bibliografia: a cerâmica.

Vasos Gregos e Circulação “Internacional” no Mundo Antigo

No período helenístico, os achados de cerâmica e outros produtos gregos na Arábia são compreendidos em uma rede comercial internacional (Kitchen 2006: 127-8), situação parecida com Aksum e Meroe, cidades do Egito (da Etiópia e Núbia, respectivamente – Isichei 1997: 162). E este é um exemplo pontual de uma prática generalizada identificada na bibliografia projetada para a narrativa sobre os contatos comerciais desde a idade do bronze até o período romano; com a cerâmica ática ocupando um lugar importante nesse debate.

Os achados de cerâmica ática na região da Palestina são inseridos no contexto de uma cir-

culação internacional de cerâmica e de moedas, ligado a aspectos tradicionais – um comércio internacional existente desde o período persa (Hengel 2003: 33). Isto estaria ligado à mudança enfática da posição de Atenas que passou de uma situação pouco destacada, no século VII aC., para uma posição proeminente, no século VI aC, quando sua produção ceramista tornou-se dominante no “mercado internacional” do período (Ober 2008: 70).

A ampla distribuição mediterrânea da cerâmica ática, para além da região da Ática propriamente dita, ocorre em contextos variados (p. ex. santuários, necrópoles e contexto doméstico), atingindo regiões como Egina, Corinto, Grécia Central, ilhas gregas, Grécia setentrional, Ásia Menor e região, norte da África, Mar Negro, Etrúria, Magna Grécia, Sicília, Sul da França, e península Ibérica (Tssetskhladze 1998: 60-1) sugere que, além do mercado local, a encomenda pode ser pensada a partir de associações entre os produtores e comerciantes relacionados à exportação (Stansbury-O’Donnell 2013: 38)².

A ampliação cronológica desse fenômeno pode alcançar até o século IV aC.,³ ou seja, a distribuição de cerâmica ática produzida entre os séculos VII e IV aC. é frequentemente situada no âmbito de um comércio internacional cuja caracterização, vale dizer, é pouco precisa.

A ideia de mercado ou comércio internacional para o mundo antigo tem vários problemas, a começar pelo próprio conceito e suas implicações nesse contexto. “Internacional” compreende ações “entre nações”, o que não é propriamente o caso. Entretanto, mais do que o uso preciso do conceito, é preciso notar que

(2) Para uma revisão sobre a distribuição da cerâmica ática no Mediterrâneo, ver Tssetskhladze 1998: 60-1 (com bibliografia); Alexandriou 2010: 81-110 (cerâmica ática produzida entre 630 e 570 a.C. e sua distribuição na região da Ática e fora dela); Gill 1988 (período clássico); e Rocha-Pereira 2007: 135-49 (Portugal, cerâmica coríntia e principalmente ática) e Domínguez e Sánchez 2001 (península ibérica).

(3) “É instrutivo também considerar a contribuição dos oleiros atenienses para o comércio internacional de cerâmica de luxo. Atenas foi a maior exportadora de cerâmica de luxo do período clássico, e a relativamente grande quantidade que parece ser

cerâmica ática em Olinto e no cemitério Chabty, em Alexandria, sugere que ela sustentou esse papel com alguma vitalidade através do século IV a.C.” (Rotroff 1997: 223, *trad. nossa*). A distribuição da cerâmica ática no Mediterrâneo, nos termos de um “comércio internacional”, aparece na bibliografia em debates que abordam desde a constatação de sua ampla difusão em várias localidades do Mediterrâneo, como no exemplo citado, até a sobreposição da produção ática sobre a coríntia no período arcaico. Para mais exemplos ver Kraay (1976: 318); Sprenger e Bartoloni (1983: 69); Redmond (1986: 3); Wescoat e Anderson (1989: 76); Onians (2004: 61); Erskine (2009: 264-5); Chaniotis (2010: 107); French (2013: 124).

a “nação” tornou-se paradigma para descrever a organização de formas de articulação de entidades políticas antigas desde o século XIX. Essa visão que compreendia a Grécia como uma nação, já no século XIX⁴, foi bastante criticada e caiu em desuso, entretanto, recentemente, o debate foi reavivado em outros termos e, apesar de críticas, ainda parece ter alguns defensores.

Em trabalho de 2009 Edward Cohen situa a cidade de Atenas no plano da nação, argumentando que o termo polis, o mais comumente empregado para descrever a cidade, seria insuficiente por vários motivos, entre eles o caráter de exceção que a cidade desempenhava (Cohen 2009: ix-x). Assim, o termo *ethnos*, traduzido como “nação”, é apresentado pelo autor como alternativa e em substituição a polis (Cohen 2009: ix, 3 seq.)⁵.

É claro que o uso do termo parece ser, em muitos casos, abertamente generalista e não propõe a recuperação do sentido moderno de nação para o mundo antigo. Entretanto, seu uso pode resvalar em uma discussão em curso. Por outro lado a generalização que esse conceito propõe também coloca um problema: fala-se, aqui, principalmente de seu uso irrestrito para contextos variados, criando-se uma ideia de uniformidade.

Um problema dessa ordem (generalização) ocorre justamente no que tange a compreensão da distribuição da cerâmica micênica. Esta cerâmica apresenta uma ampla distribuição na região oriental do Mediterrâneo com o Mediterrâneo central sendo considerado, por muito tempo, como o seu limite de projeção, limite que foi em certa medida ampliado com achados na Ibéria⁶. Nesse contexto a cerâmica micênica, assim como a cerâmica ática, também é fre-

quentemente situada no âmbito do comércio internacional no Mediterrâneo antigo (Grabbe 2008: 55; Cline 2012: 836).

Essa abordagem é problemática, já que situar esses dois fenômenos de distribuição de cerâmica como pertencentes a mercados internacionais pode influenciar a compreensão desses contextos que têm como base articulações econômicas bastante diferentes, assim como as entidades políticas que as organizavam em cada contexto. Ou seja, pensar a situação de Atenas na produção e exportação de sua cerâmica é muito diferente de pensar na mesma situação tendo-se a cerâmica chamada de micênica produzida na península balcânica na idade do bronze como referência.

As formas do recorte geopolítico em questão mudam bastante ao longo do tempo. O chamado “mundo grego”, ou mesmo “mundo mediterrânico”, da idade do bronze responde a elementos de articulação bem diferentes daqueles dos períodos arcaico, clássico e helenístico, por sua vez também diferentes entre si. Assim, a noção de internacional, frequentemente, esconde a especificidade de cada contexto, o que interferia fortemente na natureza das relações neles estabelecidas.

Por fim, ainda, é importante notar que a ideia de “comércio internacional” foi cunhada no início do século XIX nas obras de Robert Torrens (*An essay on the external corn trade*, 1815) e David Ricardo (*Principles of political economy and taxation*, 1817) (Gandolfo 1998: 9)⁷ e estava ligada à própria caracterização de fenômenos de trocas econômicas daquele período, no qual a questão do estado-nação era bastante importante. Isto não impede, é claro, que a teoria do comércio internacional, em termos modernistas, seja utilizada para a compreensão

4 Por exemplo, o teólogo, filósofo e historiador alemão, em 1842, caracteriza a Grécia como “nação dos helenos”, remontando a elementos de articulação a partir do mito (o herói Heleno que teria dado o nome à nação) e da literatura (principalmente Homero), havendo, segundo ele, um sentimento de nação autoconsciente (Heeren 1842: 42 e 123-4).

5 Cohen chega a apresentar a possibilidade de tradução do termo *ethnos* como “povo” (Cohen 2009: 3, 12 e 22), optando

por “nação”, mas em um sentido diferente do “estado-nação” (*Idem*, p. 79, n. 5).

6 Ver Taylour 1958 (cerâmica micênica encontrada em Pitecussa e ilhas eólias [ou lípara], na Sicília, Taranto, Apúlia); Forsythe 2006: 20-1, 29 (ilhas tirrênicas como locais de achado); Feuer 2004: 157; Sherratt, 1982; Van Wijngaarden 2002 (cronologia, formas e quantidades de sítios por região); Steel, 2013: 130-1; Freeman 2014: 122-3.

das trocas no mundo antigo; mas é preciso notar os limites severos desse uso.

Não se trata, necessariamente, de propor a compreensão das trocas antigas exclusivamente do ponto de vista primitivista, mas de considerar o próprio cenário de informações sobre elas: sabe-se muito pouco da natureza das trocas que caracterizamos como comerciais em vários contextos no mundo antigo, o que limita a constituição de uma narrativa detalhada sobre esse tipo de ação⁸. Dessa forma, falar em comércio internacional para o mundo antigo pode responder à transposição de teorias relacionadas à interpretação das trocas comerciais na contemporaneidade, ou a um tipo de generalização claramente baseada na indefinição de pontos específicos de funcionamento das trocas antigas. Em um caso ou no outro, é preciso notar que há especificidades e limites importantes.

Se o cenário apresentado até agora indica que é preciso ter cautela ao se pensar em trocas antigas como “internacionais”, indica também o potencial para o debate sobre a integração relacionada às trocas no Mediterrâneo. Como visto, regiões foram conectadas ali desde o paleolítico, mas é complicado pensar em uma sequência unificada até o período romano. Mesmo com isso, pode-se pensar em rotas e contatos que não se perderam por completo e que, já na idade do bronze, respondiam a aspectos tradicionais, ao menos parcialmente. É nesse contexto que inserimos o debate sobre a distribuição da cerâmica grega, principalmente a ática: a reflexão sobre a atuação de um polo produtivo de vasos de cerâmica que, ao que tudo indica, tornou-se predominante entre os séculos VI e IV aC. e a difusão do fruto dessa produção em um ambiente tradicional de trocas.

Para um mapa com a distribuição da cerâmica micênica no Mediterrâneo, ver Burns 2010: 11. Para cerâmica micênica na Ibéria ver Martin de la Cruz 1988 e 1990; Podzuweit 1990; Morgenroth, 2004: 7.

(7) Para o panorama histórico, ver Maneschi 1998: 51-74.

(8) Para uma breve apresentação do debate entre primitivistas e modernistas, também chamado de “controvérsia Bücher-

É importante pensar no potencial de circulação relacionado a esses objetos. Eles eram marcados por elementos locais específicos: inscrições em dialeto ático, nomes de artesãos de lá (é o que atestam as inscrições de autoria), assim como de alguns integrantes da aristocracia (conforme as inscrições de homenagem do tipo *kalos*), e algumas formulações próprias do mito⁹. Mas essas particularidades não inibiram a ampla distribuição desse tipo de produto e vasos produzidos na Ática, respondendo ou não a especificidades da “clientela” externa, circularam amplamente no Mediterrâneo, o que proporcionou um cenário de achados arqueológicos bastante variado.

Vasos Gregos e Circulação Internacional no Mundo Contemporâneo

Desde a modernidade, vasos áticos foram encontrados em vários pontos da Europa, norte da África, região do Mar Negro e Ásia Menor, porém a compreensão de sua origem grega só foi sendo desenvolvida ao longo do século XIX. Inicialmente ocorreu uma compreensão equivocada sobre o próprio ambiente de produção desses vasos que foram compreendidos como etruscos, já que foram as tumbas etruscas que revelaram este tipo de cerâmica pela primeira vez em quantidade. A existência de uma discrepância entre o local de produção e os locais de achado só foi compreendida mais tardiamente ao longo do século XIX (Sparkes 2013: 34-63).

Desde então, estes vasos estiveram no cerne de uma nova dinâmica de interesses que permitiu a articulação de fenômenos complexos ligados à composição de coleções e em certa medida estabeleceu uma nova tônica de circulação no

Meyer”, ver Jansen, 2007: 4, n. 10 e Hall 2013: 260-2; para uma visão mais aprofundada ver Finley 1979.

(9) As inscrições de tipo *kalos*, por exemplo, que são constantemente situadas no âmbito da sociabilidade das elites atenienses dos séculos VI e V aC. (Hurwit 1987: 261 e Spivey 1991: 132), foram encontradas em vários vasos provenientes de tumbas etruscas (Hurwit, 1987; Cohen 2006: 252-3; Rasmussen 2008: 216). Skinner (2014: 103) chega a argu-

seio do que se convencionou chamar mercado de antiguidades¹⁰. Dessa forma, há coleções em todos os continentes compostas de vasos que foram produzidos em várias cidades gregas, especialmente aqueles provenientes das oficinas áticas.

O fenômeno do colecionismo moderno concentrou uma enorme quantidade de vasos gregos. Na Europa, especialmente, a existência concomitante de inúmeros sítios arqueológicos que, ainda hoje, são locais de achado desses objetos e de um consistente mercado de antiguidades levou à formação de um cenário marcado pela propriedade de vasos gregos compreendidos como antiguidades e também como objetos de arte (Nørskov 2002; Francisco 2013). Por outro lado, é preciso notar que, mesmo na Europa, há territórios onde nunca foi encontrada cerâmica grega em contexto arqueológico (ou pouquíssimos achados); mas, no seio da dinâmica das relações internacionais desenvolvidas no século XIX, e ratificadas em parte do século XX, foram criadas coleções de antiguidades compostas, em grande medida, por muitos exemplares desse tipo de cerâmica.

Ao mesmo tempo, fora da Europa, políticas de aquisição consistentes acabaram por basear a atuação de alguns países, como os Estados Unidos da América, que formaram coleções importantes nesse campo. Outro fator importante a ser considerado é o fato de que muitas coleções de antiguidades foram adensadas no contexto da ação neocolonialista, o que ainda é tema de debates, sobretudo porque muitos consideram objetos que foram retirados da Grécia como “expatriados” (um dos exemplos mais eloquentes disso parece ser o dos mármores do Pártenon)¹¹.

Um indicativo dessa nova situação de dispersão da cerâmica grega como um fenômeno

claramente internacional é o projeto *Corpus Vasorum Antiquorum* (CVA)¹², organizado em 1922 pela Union Académique Internationale (criada em 1919 e depois associada à UNESCO), o qual possui atualmente cerca de 380 fascículos, correspondentes a mais de 10.000 vasos de coleções de vários países da Europa (Alemanha [incluindo a extinta Alemanha Oriental], Áustria, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Iugoslávia, Noruega, Polônia, República Tcheca, Romênia, Rússia, Suécia e Suíça); Oceania (Nova Zelândia); Ásia (Japão) e América (Canadá, e Estados Unidos da América). O projeto não compreende a publicação integral dos acervos de vasos de cerâmica grega desses países, mas apresenta um cenário parcial importante como referencial para as pesquisas sobre o tema.

Alguns autores sugerem que o cenário seja ainda mais amplo que os cerca de 10.000 vasos publicados no CVA. Tanto Webster (1972: 3) como Bazant (1990: 94-5, n. 4 e 6) indicam números ao redor de 30.000 vasos cadastrados, cobrindo o período do final do século VII a.C. até o final do IV (Webster 1972: 3), em bases relacionadas ao *Beazley Archive Project*. Os números adicionados na *Beazley Archive Database* são relacionados à publicação do ABV, ARV 1 e 2 e *Paralipomena* (em 1971)¹³, assim, em 1990 ainda não havia sido feita uma atualização da quantificação desses vasos e atualmente o catálogo do *Beazley Archive Project* indica cerca de 98.000 entradas (no entanto há casos de mais de uma entrada por vaso).

Ainda no caso dos números de vasos contabilizados no âmbito do CVA, há que se considerar a existência de coleções de vasos

mentar que essas inscrições não seriam compreendidas pelos etruscos; mas há quem considere certo grau de influência desse tipo de fórmula em contexto etrusco (Carpino 2003: 106, n. 27).

(10) Para o fenômeno do colecionismo, mercado de antiguidades e as leis de proteção das antiguidades ver Brodie e Tubb 2003. Para o colecionismo de antiguidades clássicas, especificamente, ver Grafton, Most e Settis 2010: 208-11.

11 Sobre essa polêmica e a instituição das escolas estrangeiras no contexto do neocolonialismo, ver Tziouas 2014: 22-3; para

vários debates sobre a relação entre arqueologia e neocolonialismo ver Lydon e Rizvi 2010.

12 Para o projeto do CVA, sua história e projeto de digitalização, ver Keuls 1988 e Sarian 1998. Para o acesso à maior parte dos fascículos, ver o site www.cvaonline.org (consultado em setembro de 2014).

13 O *Beazley Archive* é um projeto da Universidade de Oxford, em grande medida continuador dos esforços apresentados nas publicações de John D. Beazley ABV (*Beazley's Attic Black-Figure Vase-Painters*), ARV (*Attic Red-figure Vase-painters*), e os comple-

gregos em vários países e que não integram o recorte regional do projeto, como, por exemplo, Brasil, Cuba, Uruguai, Argentina, Portugal, entre outros¹⁴.

A organização dessas coleções relacionadas a instituições públicas e particulares remonta ao colecionismo moderno que, já no século XIX, no contexto do desenvolvimento dos nacionalismos europeus, operou de forma decisiva na criação de acervos de instituições que se tornaram referência de identidade nacional, muitas delas relacionadas à administração do estado ou, pelo menos, relacionada a ele em algum grau (Shaw 2003: 28; Lewis 2006: 384; Funari e Bastos 2008: 1127 e Knell, Aronsson e Amundsen 2014: 31-39). É o caso, por exemplo, do Metropolitan Museum of Art (Met), que foi fundado em 1870 a partir da iniciativa de negociantes, financistas, e sobretudo intelectuais e artistas dos EUA, e se consolidou como uma instituição particular, estabelecendo parcerias com a prefeitura de Nova Iorque, proprietária do edifício e responsável por boa parte dos custos com manutenção e segurança¹⁵.

Logo depois de sua criação, o Met adquiriu a importante “Coleção Cesnola”, composta originalmente por cerca de doze mil objetos representando um período compreendido entre a idade do bronze e o período romano e originários de escavações no Chipre. Essa aquisição se deu no seio de uma disputa com outras instituições, já que museus importantes na época como o Louvre e o Hermitage também tinham interesse na coleção (Gross 2009: 33). Nesse contexto, o proprietário da coleção, Luigi Palma di Cesnola, tornou-se o primeiro diretor do Met, permanecendo nesta posição até 1904 quando faleceu tendo sua condição de “fornecedor” da

citada coleção contribuído para a sua colocação como diretor do museu.

Entretanto, esse não é um museu de antiguidades e seu campo de interesse é bem mais amplo. Já em 1872, ele recebia sua primeira obra de um pintor norte americano: *Wages of war*, de Peter Gray, e depois disso, mais de 1600 obras de cerca de 800 artistas dos EUA passaram a compor o acervo do museu (Feld *et al.* 1985: ix). Pouco antes, em 1872, havia sido adquirida a primeira peça de escultura produzida no país (Rogers 1985: 26), e em 1877 iniciou-se a aquisição de obras de representantes de artes decorativas (*Idem*). Além disso, os primeiros objetos de arte islâmica foram adquiridos em 1874 (Hoving *et al.* 1972: 1). Desde então, o Met vem adquirindo obras relacionadas ao mundo antigo, idade média, renascimento, da Europa do século XVI, arte asiática, europeia e dos EUA entre 1700-1900, da África, Oceania e de outras partes da América e do século XX, segundo as categorias do museu (Burn, 1997); o que foi, pelo menos inicialmente, incentivado pelo próprio Cesnola¹⁶.

Ainda assim, dentro de um quadro bastante variado de aquisições, a situação das antiguidades parece bem destacada, o que fica bastante evidente quando se pensa na obtenção de um item específico: a cratera em cálice de Eufrônio e Euxiteo (fig. 1)¹⁷.

A aquisição desta peça, em 1972, esteve ligada a Dietrich Von Bothmer que, no mesmo ano em que assumiu o cargo de curador de arte grega e romana do Met (o qual ocupou de 1959 a 1990), foi também nomeado presidente do CVA, posição que manteve até 1983, período (1959-1983) no qual publicou dois fascículos do CVA (para as coleções do Met e do *Boston Museum of Fine Arts*). Nos 31 anos em que atuou

mentos *Paralipomena* (*Additions to Attic Black-figure Vase-painters and Attic Red-figure Vase-painters*) e *Beazley Addenda* (*Additional References to ABV, ARV & Paralipomena*), cujo interesse é manter a continuidade do cadastro de vasos de cerâmica gregos em banco de dados eletrônico disponível on-line (ver <http://www.beazley.ox.ac.uk/>).

14 Há, em curso, a preparação da publicação de algumas coleções brasileiras de cerâmica grega no CVA, projeto sediado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo sobre a responsabilidade da doutora Haiganuch Sarian. Há ainda obras que apresentam a coleção do Museu Nacional do Rio de

Janeiro (Sarian *et al.* 1995), e coleções alojadas em Cuba (Olomos-Romera 1993) e em Portugal (Rocha-Pereira 1962 e 2007).

15 Informações a partir da aba “Development Office” do site do museu www.metmuseum.org (consultado em setembro de 2014).

16 Para a Coleção Cesnola, ver Cesnola 1885; Myres 1914 e Karageorghis 2012. Para a história do Met e a coleção de arte clássica, ver Picón *et al.* 2007 e Smith e Plantzos 2012: 676-9.

17 Para uma apresentação do vaso, com boas fotografias revelando detalhes das várias inscrições, ver Von Bothmer 1987: 34-9.



Fig. 1. Cratera de Eufrônio e Euxiteo, c. 515 a.C. (alt.: 45,7 cm), em exposição no Met. (arquivo pessoal)

como curador do Met, Von Bothmer também se dedicou com intensidade a auxiliar no processo de aquisições da instituição, por exemplo, a partir de iniciativas conjuntas com a esposa, Joyce Von Bothmer, e através do The Bothmer Purchase Fund¹⁸.

O evidente entusiasmo de Dietrich Von Bothmer pela cratera em cálice de Eufrônio e Euxiteo, o qual claramente levou à aquisição, fica bem expresso em suas próprias palavras: “Quando eu vi o vaso, eu sabia que havia encontrado aquilo que eu havia procurado por toda a minha vida” (Watson e Todeschini 2007: x, *trad. nossa*). O diretor do museu à época, Thomas Hoving, concordando com Von Bothmer, foi ainda mais efusivo, comparando o vaso à Capela Sistina, ao sarcófago de Alexandre em Istambul, às iluminuras do Livro das Horas dos irmãos Limbourg e a certas aquarelas de Dürer, e situando o vaso

em questão no conjunto dessas “obras primas únicas”, e dizendo que “para o amar, é preciso olhá-lo apenas uma vez” (Watson e Todeschini 2007: x-xi, *trads. nossas*). O seguimento do processo de aquisição do vaso prosseguiu no mesmo espírito da primeira impressão que este causara seja em Von Bothmer seja em Hoving – com muita pompa relacionada. Hoving, que já havia manifestado interesse imediato, disse no contexto específico da aquisição que “a história da arte teria que ser reescrita” (Mcleave 2003: 127, *trad. nossa*) dada a relevância do objeto. E ainda que seria a presença do objeto naquela instituição que o tiraria do desconhecimento. Além disso, os criadores do vaso (Eufrônio e Euxiteo) foram situados no campo de grandes artistas.

O valor da compra também seguiu a pompa que cercara o processo de aquisição até ali: cerca de um milhão de dólares, a maior quantia paga pelo museu por um objeto até então (Waxman 2010: 190). A origem desses recursos aparece mais frequentemente referida na bibliografia (Hess 2003: 197-8; Mcleave 2003: 127; Gersten-

¹⁸ Para a atuação de Von Bothmer na curadoria do Met e relacionados, ver PÍCON *et al.*, 2007, p. 14 e 19-21.



Fig. 2. Calyx Krater Trash Can, James Rosenquist, 1976 (alt.: 10,2 cm) (arquivo pessoal).

blith 2008: 300; Felch e Frammolino 2011: 18; Waxman 2010: 189; Smith e Plantzos 2012: 591) como proveniente da venda de uma coleção de 9000 moedas do Met (11.000 para Nagin 1981: 64). No entanto, uma versão discordante dá conta da venda de duas telas de artistas contemporâneos: Modigliani e Soutine, como meio para obter os recursos para a aquisição. A ação de Rosenquist, ele próprio artista plástico, ao criar pequenas latas de lixo de ouro maciço com as figuras que Eufrônio desenhou sobre a cratera (fig. 2), parece exemplificar bastante bem as controvérsias levantadas pelo valor da aquisição (para detalhamento ver Rosenquist e Dalton 2009: 245-6).

A procedência da peça em questão também foi motivo de discussão e preocupação. Hoving disse que a peça era proveniente de uma coleção particular, de uma família cujo nome não foi inicialmente revelado, que teria obtido o vaso ao fim da Primeira Guerra (Waxman 2010: 190). Entretanto o governo italiano, através do ministro Rodolfo Siviero, identificou, logo

depois da compra, que o vaso seria, na realidade, fruto de saque de uma tumba etrusca, em novembro de 1971, no norte de Roma. Caso o vaso tivesse efetivamente sido contrabandeado para fora da Itália, e tudo isso fosse comprovado, o governo italiano pediria a repatriação do objeto (Waxman 2010: 190). A disparidade das datas (logo depois da Primeira Guerra e 1971) é importante para se pensar a política de aquisições de antiguidades pelos museus. Segundo as recomendações da UNESCO e a legislação italiana de proteção às antiguidades, a exportação de objetos escavados depois de 1939 só é possível com autorização expressa do estado responsável pelo território de achado. Assim, a data fictícia de cerca de 1920 tornava possível a aquisição do vaso sem recorrer à permissão do governo italiano (Waxman 2010: 190)¹⁹.

¹⁹ Para a legislação italiana sobre bens culturais (incluindo-se as antiguidades) ver Nistri 2011; para uma visão global da legislação sobre antiguidades ver Chappell e Manacorda 2011 e Merryman, Elsen e Urice, 2007: 404-18.

Nesse contexto, o ministro italiano chegou a solicitar, inclusive, uma investigação do FBI, já que o diretor do Met não aceitava a hipótese de roubo e contrabando de patrimônio italiano. Depois de pressionado, Hoving revelou a real proveniência da peça e os nomes das pessoas envolvidas na aquisição. O intermediário era Robert Hecht Jr. (que entrara em contato com Von Bothmer), um norte-americano negociador de arte na Europa que tinha sido declarado, em 1962, *persona non grata* pelo governo turco por ter seu nome envolvido no contrabando de antiguidades, e que também tivera, pouco antes e em situação similar, problemas com o governo italiano²⁰. Já o dono do vaso seria um negociador de origem armênia que vivia no Líbano chamado Dikran Sarrafian (Waxman 2010: 188 e Mcleave 2003: 128).

A partir das informações sobre a procedência e as pessoas envolvidas, Siviero deu início a uma ação que terminaria com a devolução do vaso em questão para o governo italiano. Em 2008, prestes a voltar para a Itália, o vaso foi exposto sua última aparição no Met acompanhado por etiqueta que informava: “Emprestado pela República da Itália”²¹. Atualmente o vaso integra o acervo do Museo Nazionale di Villa Giulia, Roma, inv. 145139.

O processo que culminou na devolução durou 36 anos (entre 1972 e 2008) e a demora em sua resolução esteve ligada ao processo intrincado para esclarecimento da proveniência do vaso, no qual a imprensa teve atuação importante. Arthur Sulzberger, reporter do New York Times, iniciou uma investigação e chegou ao resultado, publicado em alguns artigos, de procedência ilegal do vaso, depois de notar certas incongruências entre a conversa que teve com Hecht e depois com Sarrafian (Waxman,

2010, p. 190). Em 1981, o repórter Carl Nagin publicou um artigo na New York Magazine, explicando com detalhes o processo desde a aquisição até o surgimento das incongruências que colocavam em dúvida a proveniência legal do objeto, relacionando-o, ao mesmo tempo, à aquisição, provavelmente ilegal feita pelo Getty, de uma taça do próprio Eufrônio (Nagin. 1981). Apesar de tudo, estas suspeitas não esclareciam suficientemente o caso. Foi apenas em 1995 que o desfecho conhecido começou a se desenhar, quando a polícia suíça invadiu, em Genebra, o armazém de Giacomo Medici, que negociava ilegalmente antiguidades. Nesse armazém, foi encontrado material que comprovava sua relação com Hecht; além disso em 2001, foi encontrado um livro de memórias de Hecht no qual este afirmava que obtivera o vaso em questão de Medici e não de Sarrafian (Nagin, 1981)²².

A cratera em cálice de Eufrônio e Euxiteo, neste contexto, é um objeto impar para pensar as questões envolvidas na circulação de objetos desse tipo. Trata-se de um vaso que foi produzido em uma oficina ática, foi levado para a península itálica, onde passou milênios dentro de uma tumba e onde foi reencontrado em 1971, rumou para os EUA, fixando-se lá entre 1972 e 2008. Depois disso, por ação do governo italiano, ele retornou à Itália. Ou seja, uma história de contínua movimentação baseada nos interesses despertados por esse objeto; interesses que, apesar de não terem sido sempre necessariamente os mesmos, impuseram ao objeto, ao longo do tempo, uma história de movimentação.

Em determinado momento ficou claro o reconhecimento de propriedade que, por direito, é da República Italiana; ou seja, a devolução feita pelo Met à Itália mostra algo da conexão

20 Sabe-se que Hecht esteve ligado à negociação de pelo menos três vasos atribuídos a Eufrônio, fruto de saque de tumbas da região norte de Roma, perto de Cerveteri (GROSS, 2009, p. 358).

21 *Lent by the Republic of Italy* (Waxman 2010: 187).

22 Para a narrativa do processo em detalhes ver Waxman 2010: 187-94 e Mcleave 2003: 127-9. Para a perspectiva de Thomas

Hoving ver Hoving 1994: 307-40. Vale lembrar que esse é um exemplo de uma ampla política de aquisições praticada por instituições tanto de caráter público como privado. Com a afirmação internacional a partir da UNESCO e de outras instituições como a Associação de Diretores de Museus de ARTE (The Association of Art Museum Directors – AAMD) e a Associação Americana de Museus (The American Association of Museums – AAM), o cenário vem mudando significativamente, havendo uma série de devoluções concluídas ou em curso (Miles 2014: 510-1)

entre a arqueologia, o colecionismo, as práticas museológicas e o estado-nação.

O vaso não é apenas grego, mas passa a assumir um valor específico como propriedade de instituições e como patrimônio nacional. Rocco Buttiglione, do ministério da cultura italiano à época da devolução, disse que a repatriação significava “devolver ao povo italiano o que pertence à nossa cultura, à nossa tradição e o que é de direito do povo italiano” (Conn 2011: 71; Cuno 2012: 76, *trad. nossa*). Apesar da produção grega, foi seu milenar “repouso” no que já era território italiano no contexto de seu achado que deu base para o retorno do objeto à Itália, em termos de “repatriação” – ou seja, ele volta à sua pátria. E voltar para a pátria, nesse sentido, não quer dizer voltar para a Grécia, já que esse objeto, como muitos outros similares, encontram um papel fundamental no estado-nação, potencialmente incluídos no referencial indentitário por meio de sua caracterização atual como patrimônio. Pensa-se, nesse sentido, em certo grau de relação com o passado baseado na ideia de herança cultural (a “ocidental”, por exemplo); mas a propriedade é assegurada no interior dos estados-nacionais. Assim, um vaso grego ou qualquer outra antiguidade similar, atualmente, pode ser compreendida como patrimônio grego, italiano, inglês, cubano, brasileiro etc²³.

Vasos Gregos: Novos contextos, novos significados

A constituição do cenário como apresentado desde o início coloca algumas questões centrais no que se refere ao tratamento que foi dado a esses objetos desde a modernidade. É impossível desconectar sua experiência antiga da moderna, já que o cenário antigo de trocas estruturou a forma dos achados que se desenvol-

ve ainda atualmente. Outro ponto importante é a própria apropriação desses objetos em contextos recentes. Como visto, eles são incluídos em novos campos de interesse, o que lhes atribui valores novos. Assim, um vaso ateniense torna-se patrimônio italiano. Entretanto, a situação é mais complexa e deve ser observada com atenção pelo pesquisador que tem esses objetos como fonte de informação; ou seja, como documento, o que é outra característica imputada a esses objetos no cenário contemporâneo. O forte interesse relacionado insere tais objetos em um campo de valor pecuniário, mais especificamente, em mercado de antiguidades bastante lucrativo. Também em torno disso estruturou-se uma procura consistente de antiguidades por acadêmicos e leigos.

Respondendo a um cenário ilegal de obtenção aparentemente comum, a UNESCO organizou tratados internacionais que reconhecem legalmente diversas estratégias de proteção às antiguidades desde o século XIX (que, nesse sentido, já estavam incluídas no campo do patrimônio). Entretanto, como visto, há tentativas de burlar esses acordos. O interesse sobre as antiguidades proporcionou a aquisição e consolidação de importantes coleções de museus, mas também o colecionismo exclusivista e privado, muitas vezes ligado ao desrespeito a esses acordos, o que acabou, inclusive, apresentando situações de informações incongruentes sobre proveniência, de falsificação em grande escala e de descontextualização de muitos objetos (Miles 2014: 509) que, pela admiração à sua “beleza”, foram desconectados da relação complexa com a paisagem que compunham.

Como epílogo, vale lembrar a circulação internacional da cratera de Eufrônio e Euxiteo, do Met, da República Italiana... Ela circulou, desde o século VI a.C., por vários pontos da Europa, atravessou o Atlântico, fixou breve residência na América e retornou, em nova travessia pelo Atlântico, à Itália, onde fora reencontrada em 1971. O interessante é que sua viagem não terminou ali. Mesmo que temporariamente, ela retornou a Atenas, onde fora produzida mais de dois mil e quinhentos anos atrás. O novo contexto, temporário, é o de uma exposição no Museu Arqueológico Nacional de Atenas, entre

23 Para o caso de “The Jennings Dog” (uma escultura romana de um cão em mármore do século II d.C., sua localização na Itália, Inglaterra e EUA, e a noção de patrimônio relacionada, ver Gibbon 2005: 183. Para vasos gregos compondo coleções brasileiras tombadas, ver Francisco 2013: 37-8. Para uma breve crítica à noção de patrimônio e propriedade, ver Bator 1983: 23 e Miles 2014: 513.

28 de agosto e 31 de outubro de 2014, chamada *Classicità ed Europa. The common destiny of Greece and Italy* (fig. 3, ver anexo 1), primeiro apresentada no Palácio de Quirinal em Roma, entre 29 de março e 15 de julho de 2014. Essa exposição foi ensejada pela sequência de presidência do conselho da União Europeia da Grécia (janeiro

e julho de 2014) pela Itália (julho a dezembro de 2014), apresentando-se, então, um discurso de destino comum na condução do ocidente desde a antiguidade. Presente, passado e futuro condensados e a cratera de Eufrônio e Euxiteo, novamente, no centro de um discurso de alcance internacional.



Fig. 3. Cratera de Eufrônio e Euxiteo em exposição no Museu Nacional de Atenas (arquivo pessoal).

Francisco, G.S. Greek Vases and International Affairs. R. *Museu Arq. Etn.*, 25: 191-213, 2015.

Abstract: This paper discusses the paths taken by Greek vases in two connected contexts: the first is its ancient distribution in many Mediterranean places, in a traditional exchange scenario often called “international trade”; the second is the situation developed since many findspots and collecting related from the 18th century, moreover its reference to national identities, as well as the disputes to obtaining in the international affairs sphere.

Keywords: Greek pottery, distribution, reception, international affairs

Referências Bibliográficas

- Abulafia, D. 2011. *The Mediterranean in history*. Los Angeles: Getty Publications.
- Alexandriou, A. 2010. *The early black-figured pottery of Attika in context (c. 630-570 BCE)*. Leiden: Brill.
- Bator, P. 1983. *The international trade in art*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bažant, J. 1990. The case for a complex approach to Athenian vase painting. *Metis*, 1-2: 93–112.
- Blake, E.; Knapp, A.B. 2008. *The archaeology of Mediterranean prehistory*. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell Publ.
- Besuijen, G. 2008. *Rodanum: A study of the Roman settlement at Aardenburg and its metal finds*. Leiden: Sidestone Press.
- Brodie, N. e Tubb, K. W. (eds.) 2003. *Illicit antiquities: the theft of culture and the extinction of archaeology*. London: Routledge.
- Budin, S. L. 2009. *The Ancient Greeks: an introduction*. Oxford: New York: Oxford University Press.
- Burn, B. 1997. *Masterpieces of the Metropolitan Museum of Art*. New York: Metropolitan Museum of Art.
- Burns, B. E. 2010. *Mycenaean Greece, Mediterranean commerce, and the formation of identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carpino, A. A. 2003. *Discs of splendor: the relief mirrors of the Etruscans*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Cesnola, L. P. di 1885. *A descriptive atlas of the Cesnola Collection of Cypriote antiquities*. New York: Metropolitan Museum of Art.
- Chaniotis, A. 2010. *Ancient Crete: Oxford bibliographies online research guide*. Oxford: Oxford University Press
- Chappell, D.; Manacorda, S. (eds.) 2011. *Crime in the art and antiquities world: illegal trafficking in cultural property*. New York, Dordrecht, Heidelberg, London: Springer.
- Cline E. H. 2012. *The Oxford handbook of the Bronze Age Aegean*. Oxford: Oxford University Press.
- Cohen, B. 2006. *The colors of clay: special techniques in Athenian vases*. Los Angeles: Getty Publications.
- Cohen, E. 2009. *The Athenian nation*. Princeton: Princeton University Press.
- Coldstream, J. N. 2003. *Geometric Greece: 900-700 BC*. New York: Routledge, 2003.
- Conn, S. 2011. *Do museums still need objects?* Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Cuno, J. 2012. *Whose culture?: the promise of museums and the debate over antiquities*. New Jersey: Princeton University Press.
- Demand, N. H. 2011. *The Mediterranean context of early Greek history*. John Wiley & Sons.
- Domínguez, A. J.; Sánchez, C. 2001. *Greek pottery from the Iberian peninsula: Archaic and Classical periods*. Leiden; Boston; Köln: Brill.
- Duffy, C. A. 2009. *Stung with love: poems and fragments of Sappho*. London: Penguin.
- Erskine, A. 2009. *A companion to ancient history*. Malden; Oxford; West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Felch, J & Frammolino, R. 2011. *Chasing Aphrodite: the hunt for looted antiquities at the*

- world's richest museum. Boston; New York: Houghton Mifflin Harcourt.
- Feld, S. P. et al. 1985. *American paintings: a catalogue of the collection of the Metropolitan Museum of Art*, Vol. 2. New York: Metropolitan Museum of Art; Princeton University Press.
- Feuer, B. A. 2004. *Mycenaean civilization: an annotated bibliography through 2002*. Jefferson: McFarland.
- Finley, M. I. 1979. *The Bücher-Meyer controversy*. New York: Arno Press.
- Forsythe, G. 2006. *A critical history of early Rome: from prehistory to the first Punic war*. Oakland: University of California Press.
- Francisco, G. da S. 2013. O vaso grego hoje. *Ciência e cultura*, vol. 65, n. 2, p. 37-9.
- Freeman, C. 2014. *Egypt, Greece, and Rome: civilizations of the ancient Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press.
- Freeman, D. B. 2003. *Straits of Malacca: gateway or gauntlet?* Quebec: McGill-Queen's Press.
- French, A. 2013. *The growth of the Athenian economy*. London: Routledge.
- Funari, P. P. A.; Bastos, R. L. 2008. Public archaeology and management of the Brazilian archaeological-cultural heritage. In: Silverman, H.; Isbell, W. (eds.) *Handbook of South American archaeology*. New York: Springer Science & Business Media, p. 1127-36.
- Gale, N. H. 1981. Mediterranean obsidian source characterization by strontium isotope analysis. *Archaeometry*, Vol. 23, Issue 1, p. 41-51.
- Gandolfo, G. 1998. *International trade theory and policy*. Heidelberg; Berlin; New York: Springer Science & Business Media.
- Gerstenblith H, P. 2008. *Art, cultural heritage, and the law: cases and materials*. Durham: Carolina Academic Press.
- Gibbon, K. F. 2005. *Who owns the past?: cultural policy, cultural property, and the Law*. New Jersey: Rutgers University Press.
- Gill, D. W. J. 1988. The distribution of Greek vases and long distance trade. In: *Proceedings of the 3rd symposium on ancient Greek and related pottery*, (Copenhagen, 1987), p. 175-85.
- Grabbe, L. L. 2008. *Israel in transition: the texts*. New York; London: T & T Clark International.
- Grafton, A.; Most, G. W.; Settis, S. 2010. *The Classical tradition*. Cambridge: Harvard University Press.
- Green, P. 1993. *Hellenistic history and culture*. Los Angeles: University of California Press.
- Gross, M. 2009. *Rogues' gallery: the secret story of the lust, lies, greed, and betrayals that made the Metropolitan Museum of Art*. New York: Crown Publishing Group.
- Hall, J. M. 2013. *A history of the archaic Greek world, ca. 1200-479 BCE*. West Sussex: John Wiley & Sons.
- Heeren, A. H. L. 1842. *Ancient Greece*. Boston: C.C. Little & J. Brown.
- Hengel, M. 2003. *Judaism and hellenism: studies in their encounter in Palestine during the early Hellenistic period*. Eugene: Wipf and Stock Publishers.
- Hess, J. L. 2003. *My times: a memoir of dissent*. New York: Seven Stories Press.
- Hoving, T. et al. 1972. *Islamic art in the Metropolitan Museum of Art*. New York: Metropolitan Museum of Art.

- Hoving, T. 1994. *Making the mummies dance: inside The Metropolitan Museum of Art*. New York: Simon and Schuster.
- Hurwit, J. M. 1987. *The art and culture of early Greece, 1100-480 B.C.* New York: Cornell University Press.
- Isichei, E. 1997. *A history of African societies to 1870*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jansen, J. N. 2007. *After Empire: Xenophon's "Poroï" and the reorientation of Athens' political economy*. PhD dissertation University of Texas at Austin.
- Karageorghis, V. 2012. *Ancient art from Cyprus: The Cesnola Collection in the Metropolitan Museum of Art*. New Haven: Yale University Press.
- Keuls, E. C. 1988. The Corpus Vasorum Antiquorum, The Lexicon Iconographicum Mythologiae Graecae and The Beazley Archive Project: diferente databases for the study of ancient Greek iconography. *Modern Greek Studies Yearbook*, vol. 4, University of Minnesota, p. 213-34.
- Kitchen, K. 2006. Economics in ancient Arabia: from Alexander to the Augustans. In: Archibald Z. H. et al. (eds.) *Hellenistic economies*. New York: Routledge, p. 119-132.
- Knell, S.; Aronsson, P. & Amundsen, A. B. 2014. *National museums: new studies from around the world*. London: Routledge.
- Kraay, C. M. 1976. *Archaic and classical Greek coins*. London: Methuen.
- Kristiansen, K.; Larsson, T. B. 2005. *The rise of bronze age society: travels, transmissions and transformations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lewis, G. 2006. The "Universal Museum": a case of special pleading? In: Hoffman, B. (ed.) *Art and cultural heritage: law, policy, and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 379-85.
- Lopes, R. M. C. 2005. *The volcano adventure guide*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Luke, J. 2003. *Ports of trade, Al Mina and geometric Greek pottery in the Levant*. Oxford: Archaeopress.
- Lydon, J.; Rizvi, U. Z. 2010. *Handbook of postcolonial archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press.
- Mackendrick, P. L.; Howe, H. M. 1959. *Classics in translation*. Vol. I: Greek literature. Madison: University of Wisconsin Press.
- Maneschi, A. 1998. *Comparative advantage in international trade: a historical perspective*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- Marconi, C. 2014. *The Oxford handbook of Greek and Roman art and architecture*. Oxford: Oxford University Press
- Martin De La Cruz, J. C. 1988. *Mykenische Keramik aus bronzzeitlichen Siedlungsschichten von Montoro am Guadalquivir*. *Madridrer Mitteilungen*, vol. 29, p. 77-92.
- Martin De La Cruz, J. C. 1990. Die erste mykenische Keramik von der iberische Halbinsel. *Praehistorische Zeitschrift*, Vol. 65, p. 46-8.
- Mcleave, H. 2003. *Rogues in the gallery: the modern plague of art thefts*. Raleigh: Bitingduck Press LLC.
- Merryman, J. H.; Elsen, A. E. & Urice, S. K. 2007. *Law, ethics and visual arts*. 5^a ed., Alphen aan der Rijn: Kluwer Law International.
- Morgenroth, U. 2004. *Southern Iberia in the early Iron Age*. Oxford: Archaeopress.
- Murray, O. 1993. *Early Greece*. Cambridge: Harvard University Press.

- Myres, J. L. 1914. *Handbook of the Cesnola Collection of antiquities from Cyprus*. New York: Metropolitan Museum of Art.
- Niemeyer, H. G. 2004. Phoenician or Greek: is there a reasonable way out of the Al Mina debate. In: Tsetskhladze, G. (ed.) *Ancient West and East*, Vol. 3. Leiden: Brill, p. 38-50.
- Nistri, G. 2011. The experience of the Italian cultural heritage protection unit. In: Chappell, D. & Manacorda, S. (eds.) *Crime in the art and antiquities world: illegal trafficking in cultural property*. New York, Dordrecht, Heidelberg, London: Springer, p. 183-92.
- Nørskov, V. 2002. *Greek vases in new contexts: the collecting and trading of Greek vases – an aspect of the modern reception of Antiquity*. Aarhus: Aarhus University Press.
- Ober, J. 2008. *Democracy and knowledge: innovation and learning in Classical Athens*. New Jersey: Princeton University Press.
- Olmos Romera, R. 1993. *Catalogo de los vasos griegos del Museo Nacional de Bellas Artes de La Habana*. Madrid: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales.
- Onians, J. 2004. *Atlas of world art*. Oxford: Oxford University Press.
- Panagopoulou, K. 2006. The Antigonids: patterns of a royal economy. In: ARCHIBALD, Z. H. et al. (eds.) *Hellenistic economies*. New York: Routledge, p. 233-68.
- Peterson, B. N. 2012. *Ezekiel in context: Ezekiel's message understood in its historical setting of covenant curses and ancient Near Eastern mythological motifs*. Eugene: Wipf and Stock Publishers.
- Picón, C. A. et al. 2007. *Art of the Classical world in the Metropolitan Museum of Art: Greece, Cyprus, Etruria, Rome*. New York: Metropolitan Museum of Art.
- Podzuweit, C. 1990. Bemerkungen zur mykenische Keramik von Llanete de los Moros, Montoro, Prov. Cordoba. *Præhistorische Zeitschrift*, Vol. 65, p.53-8.
- Pollard, A. M. & Heron, C. 2008. *Archaeological Chemistry*. Royal Society of Chemistry, p. 82.
- Powell, B. B. 2012. *Writing: theory and history of the technology of civilization*. West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Rasmussen, B. B. 2008. Special vases in Etruria: first- or second secondhand? In: Lapatin, K. D. S. (org.) *Papers on special techniques in Athenian vases: Proceedings of a symposium held in connection with the exhibition The Colors of Clay: special techniques in Athenian vases, at the Getty Villa, June 15-17, 2006*. Los Angeles: Getty Publications, p. 215-24.
- Redmond, J. 1986. *Themes in drama: historical drama*. Melbourne: Cambridge University Press.
- Robb, J. 2007. *The early Mediterranean village: agency, material culture, and social change in neolithic Italy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rocha-Pereira, M. H. M. da 1962. *Greek vases in Portugal*. Coimbra: University of Coimbra.
- Rocha-Pereira, M. H. M. 2007. *Vasos gregos em Portugal*. Aquém das colunas de Hércules. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Rogers, M.-A. 1985. *American furniture in the Metropolitan Museum of Art*, Vol.2. New York: Metropolitan Museum of Art.
- Rosenquist, J.; Dalton, D. 2009. *Painting below zero. Notes on a life in art*. New York: Knopf Doubleday Publishing Group.
- Rotroff, S. I. 1997. *Hellenistic pottery: Athenian and imported wheelmade table ware and re-*

- lated material, Vol. 1. ASCSA. New Jersey: Princeton Academic Press.
- Rousseau, J. J. & Arav, R. 1995. *Jesus and his world: an archaeological and cultural dictionary*. Minneapolis: Fortress Press.
- Sacks, D. et al. 2009. *Encyclopedia of the ancient Greek world*. New York: Facts on File.
- Safrai, Z. (2003) *Economy of Roman Palestine*. London: Routledge.
- Samuel, A. 1992. *Greeks in history*. Toronto: Dundurn.
- Sarian et al. 1995. *Cerâmicas antigas da Quinta da Boa Vista*. Catálogo da Exposição. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes.
- Sarian, H. 1998. Corpus Vasorum Antiquorum (CVA). *Classica*, v. 11/12, p. 349-63.
- Scanlon, T. F. 2002. *Eros and Greek athletics*. Oxford: Oxford University Press.
- Shaw, W. M. 2003. *Possessors and possessed: museums, archaeology, and the visualization of history in the late Ottoman empire*. Oakland: University of California Press.
- Sherratt, E. S. 1982. Patterns of contact: manufacture and distribution of Mycenaean pottery, 1400-1100 B.C. In: Best, J. G. P.; Vries, N. M. W. (eds.) *Interaction and acculturation in the Mediterranean: proceedings of the second international congress of Mediterranean pre- and protohistory*, Amsterdam, 19-23 November 1980. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 179-98.
- Siberman, N. A.; Bauer, A. A. 2012. *The Oxford companion to archaeology*. New York: Oxford University Press.
- Skinner, M. B. 2014. *Sexuality in Greek and Roman culture*. 2^a ed., Malden; Oxford; West Sussex: John Wiley & Sons.
- Smith, T. J.; Plantzos, D. 2012. *A companion to Greek art*. Malden; Oxford; West Sussex: Blackwell Publ.
- Sparkes, B. A. 2013. *The red and the black: studies in Greek pottery*. New York: Routledge.
- Spivey, N. 1991. Greek vases in Etruria. In: RASMUSSEN, T. & SPIVEY, N. (eds.) *Looking at Greek vases*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 131-50.
- Spenger, M.; Bartoloni, G. 1983. *The Etruscans: their history, art, and architecture*. New York: H.N. Abrams.
- Stansbury-O'Donnell, M. D. 2013. *Vase painting, gender, and social identity in Archaic Athens*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Steel, L. 2013. *Materiality and consumption in the Bronze Age Mediterranean*. New York: Routledge.
- Taylor, W. 1958. *Mycenaean pottery in Italy and adjacent areas*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tsetschladze, G. R. 1998. *The Greek colonisation of the Black Sea area: historical interpretation of archaeology*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
- Tziouvas, D. 2014. *Re-imagining the past: antiquity and modern Greek culture*. Oxford: Oxford University Press.
- Van Andel, T. H.; Runnels, C. N. 1987. *Beyond the Acropolis: a rural Greek past*. Stanford University Press.
- Van Wijngaarden, G. J. 2002. *Use and appreciation of Mycenaean pottery in the Levant, Cyprus and Italy (1600-1200 BC)*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Von Bothmer, D. 1987. *Greek vase painting*. New York: Metropolitan Museum of Art.

- Waldbaum, J. C. 2002. Seventh century B.C. Greek pottery from Ashkelon, Israël: an entrepôt in the Southern Levant. In: *Pont-Euxin et commerce: la genèse de la "route de la soie"* : actes du IXe Symposium de Vani, Colchide, 1999. Besançon: Presses Univ. Franche-Comté, p. 57-76.
- Watson, P. & Todeschini, C. 2007. *The Medici conspiracy: the illicit journey of looted antiquities from Italy's tomb raiders to the world's greatest museums*. Cambridge: PublicAffairs.
- Waxman, S. 2010 *Loot: the battle over the stolen treasures of the Ancient world*. New York: Henry Holt and Co., LLC.
- Webster, T. B. L. 1972 *Potter and patron in classical Athens*. London: Methuen & Co. Ltd.
- Wescoat, B. D.; Anderson, M. L. 1989 *Syracuse, the fairest Greek city: ancient art from the Museo archeologico regionale 'Paolo Orsi'*. Roma: De Luca edizioni d'arte.

Anexo 1. Textos apresentados na exposição “Classicità ed Europa. The common destiny of Greece and Italy”.

Na entrada da exposição, há um painel com o texto correspondente ao trecho I. Trata-se de uma apresentação da exposição, explorando-se a construção de uma conexão linear entre Grécia e Itália desde a idade do bronze em uma perspectiva de liderança transtemporal da Europa e do ocidente (praticamente confundidos entre si), o que é ratificado, nessa perspectiva, pelos objetos da exposição, que são apresentados seguindo a lógica de uma narrativa articulada em torno dessa liderança. Ao entrar na exposição, uma das primeiras peças em destaque é a cratera de Eufrônio e Euxiteo, com um cartaz reproduzido, aqui, no trecho II deste anexo, correspondente à apresentação do vaso: há sua apresentação técnica (já com a indicação da nova sede e número de inventário nela, destoando do número do Met), uma descrição dos temas iconográficos, o elogio do pintor Eufrônio (Euxiteo, o oleiro, é ignorado) e a situação de restituição do vaso depois da identificação de obtenção ilegal pelo Met (tradução livre, por Gilberto da S. Francisco).

I. Classicità ed Europa. The common destiny of Greece and Italy

The two pillars of ancient and contemporary European civilization, Greece and Italy, two countries that molded the past and present of the western world, meet together thanks to a fortunate coincidence; the successive assumption of the Presidency of the European Union by two countries in 2014. The exhibition “Classicità ed Europa. The common destiny of Greece and Italy”, first presented at the emblematic Italian Presidential Palace of the Quirinal in Rome and now hosted in Athens at the National Archaeological Museum, is the premier event celebrating the two Presidencies.

The carefully chosen ancient objects and recent works of art presented in exhibition, with their high aesthetic or innovative form, their symbolic meaning, their multi-level reading, or their embodiment of basic European values, give a sometimes clear, sometimes implied indication of the common cultural course of the two countries, a course that determined, molded and characterizes that which we call European Civilization.

The 23 works of the exhibition cover a span of 4,500 years, from the Cycladic civilization of the 3rd millennium BC until Greece and Italy

of the 20th century. The great civilizations that developed in the Aegean during the Bronze Age are represented: the Cycladic, the Minoan and the Mycenaean. The spare beauty of Early Cycladic sculpture, having deeply influenced European art of the early 20th century, continues even today to attract, to elicit emotions and to mesmerize. The tablet of Linear B script from Pylos is an example of the first European writing, while the more ancient relations between Greece and Italy are illustrated by stirrup jar from the region of Taranto.

Emblematic works of the late 6th century BC, such as the Kore from Acropolis, the Euphronios krater and the torso of an Amazon from the temple of Apollo Daphnephoros in Eretria trace the development of Greek thought and aesthetic towards Classical perfection. The contemplative expression of Pallas Athena makes the relief of the “Mourning Athena” particularly timely, as it refers to thoughtfulness with which the current ambiguous political situation throughout Europe must be met, while the goddess’s spear reminds us to be vigilant in preserving that which has gained over the centuries of the past. The “movements” of the Borgia grave stele, the Euphronios krater, the head of a “Philosopher” from a shipwreck at Porticello and “Saarbrücken Youth” are eloquent examples of the booming trade in antiquities and

of art collecting, both in antiquity as well as in modern times.

In this sensitive field, Greece and Italy are at the forefront and find innovative means of stamping out antiquities theft and achieving *nostos*, returning stolen cultural property to its country of origin. The preeminent value that ancient Greek civilization passed down through the ages, Democracy, is expressed by the sculptural group of the Tyrannicides, the first monument of political character to be erected in a public space in Europe, and which justly occupies a central position in the Athens exhibition as the absolute symbol of the struggle against tyranny.

The Byzantine icon of the Virgin Glykophiloussa (kissing the infant Jesus), the mother of the One God, the link and the mediator between God and the world of men, concentrates in her tender gesture the dimension of humanity and deliverance of Christianity. The new religion grafted to the ancient Greco-Roman civilization, introducing the new era with the message of salvation of the Gospels, which is represented in the exhibition with the *facsimile* of the Codex Purpureus Rossanensis (purple codex from Rossano). The transfer of the Capital from Rome, the Eternal City, to the Queen of Cities, Constantinople, led to the creation of Byzantine Empire. After the Ottoman conquest of Constantinople, the lead in cultural development again passed from East to West. There, with the contribution of the Greek spirit, both ancient and new, the phenomenon of the Renaissance was shaped. Together with the Enlightenment, these movements provoked those historical events that gave shape and body to recent and contemporary Europe. The creative power of this period is represented in the exhibition by paintings of Domenicos Theotokopoulos, known as “El Greco”, and Mattia Preti. The fundamental influence of ancient Greco-Roman civilization and its transformation into contemporary artistic creation is marked by the 20th century paintings of Parthenis, Moralis, Giani and Cadorin. These works also mark the parallel

course of the two countries; recent historical situations have made Greece and Italy face the challenges of 21st century together as countries of European Union’s south.

From the distant past of the Late Bronze Age until today, Greece and Italy meet, converse and travel together. With the common ground of cultural values, history, religion and art, the two countries follow their European destiny. The present exhibition aims to narrate this long common course and to honor the restless spirit, the creative power and the continuous mutual influence of the two countries, as well as to announce the intent to continue the cooperation and solidarity that must inspire the relations between the peoples of a United Europe.

Classicità ed Europa. O destino comum entre Grécia e Itália

Os dois pilares da antiga e da contemporânea civilização europeia, Grécia e Itália, dois países que moldaram o passado e o presente do mundo ocidental, reúnem-se graças a uma feliz coincidência; eles assumiram sucessivamente a presidência da União Europeia em 2014. A exposição “Classicità ed Europa. O destino comum entre Grécia e Itália”, apresentada pela primeira vez no emblemático Palácio Presidencial italiano do Quirinal, em Roma, e agora hospedada em Atenas no Museu Arqueológico Nacional, é o principal evento de comemoração dessas duas presidências.

Os objetos antigos cuidadosamente escolhidos e as obras de arte recentes apresentados na exposição, com seu alto grau estético ou formas inovadoras, o seu significado simbólico, a sua leitura multinível, ou a incorporação dos valores fundamentais europeus, às vezes, uma clara indicação, às vezes, implícita, da trajetória cultural comum dos dois países, um rumo que determinou, moldou e caracteriza o que chamamos civilização europeia.

As 23 obras da exposição cobrem uma extensão de 4.500 anos, da civilização cicládica

do terceiro milênio a.C. até à Grécia e à Itália do século XX. As grandes civilizações que se desenvolveram no Egeu estão representadas: a cicládica, a minoica e a micênica. A beleza extra da escultura cicládica antiga, tendo influenciado profundamente a arte do início do século XX, continua sendo atrativa ainda hoje, provocando emoções e fascinando. O tablete com escrita em Linear B de Pilos é um exemplo da primeira escrita europeia, enquanto as mais antigas relações entre Grécia e Itália são ilustradas pelo jarro com estribo da região de Tarento.

Obras emblemáticas do final do século VI a.C., tais como a Kore da Acrópole, a cratera de Eufrônio e o torso de uma amazona do templo de Apolo Daphnephoros na Erétria, traçam o desenvolvimento do pensamento e estética gregos com relação à perfeição clássica. A expressão contemplativa da Palas Atena faz o relevo da “Atena melancólica” particularmente oportuno, como se ele se referisse à ponderação com a qual a atual ambígua situação política através da Europa deve ser lidada, enquanto a lança da deusa lembra-nos de ser vigilantes na preservação do que foi obtido através dos séculos no passado. Os “movimentos” da estela funerária dos Borgia, a cratera de Eufrônio, a cabeça do “filósofo” de um naufrágio em Porticello e o “Jovem Saarbrücken” são exemplos eloquentes do florescente comércio de antiguidades e do colecionismo de arte, tanto na antiguidade como nos tempos modernos.

Nesse campo delicado, Grécia e Itália estão na vanguarda e encontram formas inovadoras de erradicar o comércio ilegal de antiguidades e alcançar o *nostos*, fazendo retornar propriedades culturais roubadas para seu país de origem. O valor proeminente que a civilização da Grécia antiga transmitiu através dos tempos, a democracia, é expressa pelo grupo escultórico dos Tiranocidas, o primeiro monumento de caráter político a ser erigido em um espaço público da Europa, e que ocupa uma posição central na exposição de Atenas como um símbolo absoluto da luta contra a tirania.

O ícone bizantino da Virgem Glykophiloussa (a que beija o Jesus menino), a mãe do Deus Único, a ligação e mediação entre Deus e o mundo dos homens, concentra em seu gesto de ternura a dimensão cristã de humanidade e libertação. A nova religião transplantada para a antiga civilização greco-romana introduz a nova era com a mensagem de salvação dos Evangelhos, que é representado na exposição com o *facsimile* do Codex Purpureus Rossanensis (códice púrpura de Rossano). A transferência da capital de Roma, a cidade eterna, para a rainha das cidades, Constantinopla, levou à criação do império bizantino. Depois da conquista otomana sobre Constantinopla, a liderança no desenvolvimento cultural novamente passou do Oriente para o Ocidente. Ali, com a contribuição do espírito grego, tanto o antigo com o novo, o fenômeno do renascimento foi moldado. Junto ao iluminismo, esses movimentos provocaram aqueles eventos históricos que deram forma e corpo à Europa recente e contemporânea. O poder criativo desse período é representado na exposição por pinturas de Domenicos Theotokopoulos, conhecido como “El Greco”, e Mattia Preti. A influência fundamental da civilização greco-romana e sua transformação em criação artística contemporânea é marcada pelas pinturas do século XX de Parthenis, Moralis, Giani e Cadornin. Essas obras também marcam a trajetória paralela desses dois países; e situações históricas recentes têm colocado Grécia e Itália diante das mudanças do século XXI, juntos como países do sul da União Europeia.

Do distante passado da idade do bronze tardia até hoje, Grécia e Itália encontram-se, conversam e viajam juntas. Com uma base comum de valores culturais, história, religião e arte, esses dois países seguem seus destinos europeus. A presente exposição tem como objetivo narrar esta longa e comum trajetória e homenagear o espírito inquieto, o poder criativo e a contínua e mútua influência desses dois países, e também anunciar a intenção de continuar a cooperação e solidariedade que deve inspirar as relações entre os povos da União Europeia.

II. Attic calix krater by Euphronios

Rome, National Etruscan Museum of Villa
Giulia 145139
Etruria, Cerveteri (Caere)
ca 515 BC

Depicted on the obverse of the krater is the moment of the death of prince Sarpedon, son of Zeus and Laodameia. Sarpedon, leader of the Lycians and ally of the Trojans in the Trojan War, was killed by Patroklos (Homer, *Iliad* XVI 663-683).

The immense body of the hero occupies nearly the entire width of the scene. Euphronios has rendered in the best possible way the last three large moments of Sarpedon, with blood flowing abundantly from three large wounds. Noteworthy is the dramatic climax of the hero's death struggle, seen in his nearly lifeless eyes and the contraction of his tightly sealed lips. It would be no exaggeration to characterize this masterful composition by Euphronios as the Attic *Pietà* of the late 6th century BC. The transport of Sarpedon's body to his fatherland has been entrusted to two winged daemons, Hypnos and Thanatos, under the supervision of Hermes, the god who guides the souls to the Underworld. The scene is framed by two warriors, Laodamas on the left and Hippolytos on the right. On the reverse, a group of five warriors, Hyperochos, Hippiasos, Medon, Akastos and Axippos, is depicted preparing for battle. All figures are identified by inscriptions, while with the inscription *Leagros kalos*, Leagros, a youth famously desired for his beauty in Athens during the Late Archaic period, is praised on both sides. Leagros was a distinguished Athenian general of the 5th century BC and friend of Themistokles.

The krater is one of the most famous ancient Greek vases. It left ancient Athens around the time of the establishment of Democracy (508 BC) to be sold, as were thousands of other Attic vessels, in Etruria. There it comprised part of a funerary symposium for an Etruscan

aristocrat, and was buried in his tomb at the site of Grepe Sant'Angelo at Cerveteri. Its journey, however, did not end there. The tomb was looted in 1971 and *via* the dark paths of illegal trafficking, ended up at Metropolitan Museum of Art in New York in 1972. The final restitution of the krater to the Italian Republic in 2008, after many years of legal claim, is a signpost in the common struggle of Italy and Greece to eliminate archaeological theft and achieve to return of stolen cultural property to its country of origin.

Cratera em cálice ática de Eufrônio

Roma, Museu Etrusco Nacional de Villa Giulia
145139
Etrúria, Cerveteri (Caere)
c. 515 a.C.

Está representado no averso da cratera o momento da morte do príncipe Sarpedão, filho de Zeus e Laodâmia. Sarpedão, líder dos lícios e aliado dos troianos na Guerra de Tróia, foi morto por Pátroclo (Homero, *Iliada* XVI 663-683).

O imenso corpo do herói ocupa quase toda a extensão horizontal da cena. Eufrônio executou, da melhor forma possível, os últimos três grandes momentos de Sarpedão, com sangue fluindo abundantemente de três grandes chagas. É notável o clímax dramático da luta fatal do herói, vista em seus olhos quase sem vida e na contração de seus lábios bem fechados. Sem nenhum exagero, esta composição magistral de Eufrônio pode ser caracterizada como a *Pietà* ática do final do século VI a.C. O transporte do corpo de Sarpedão à sua terra natal foi confiado a dois demônios alados, Hipnos e Tânato, sob a supervisão de Hermes, o deus que guia as almas para o mundo inferior. A cena é enquadrada por dois guerreiros, Laodamante à esquerda e Hipólito à direita. No reverso, um grupo de guerreiros, Hipéroc, Hipaso, Medonte, Ácasto e Axipo, é representado em preparação para o combate. Todas as figuras são identificadas por inscrições; ao mesmo tempo que Leagros, um fa-

moso jovem desejado em Atenas por sua beleza durante o fim do período arcaico, é homenageado nos dois lados com a inscrição *Leagros kalos*. Leagros foi um distinto general ateniense do século V a.C. e amigo de Temístocles.

A cratera é um dos mais famosos vasos gregos antigos. Ela deixou a Atenas antiga no tempo do estabelecimento da democracia (508 a.C.) aproximadamente, para ser vendida, como vários outros vasos áticos, na Etrúria. Ali ela passou a fazer parte de um simpósio funerário

para um aristocrata etrusco, e foi sepultada na sua tumba no sítio de Grepe Sant'Angelo em Cerveteri. Sua jornada, porém, não acabou ali. A tumba foi saqueada em 1971 e por meio de caminhos obscuros do tráfico ilegal, foi parar no Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque em 1972. A restituição final da cratera à República Italiana em 2008, depois de muitos anos de reivindicações legais, é uma sinalização da luta comum da Itália e da Grécia para eliminar o roubo e devolver propriedades culturais a seu país de origem.